



RESENHA

MOREIRA, Ruy. As filosofias e os paradigmas da geografia moderna. In: **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. 2ª edição – São Paulo: Contexto, 2017.

Uilmer Rodrigues Xavier da Cruz – UFMG – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil
uilmer@ufmg.br

É um geógrafo brasileiro que publicou vários livros que abordam questões ontológicas e epistemológicas da geografia. Foi presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros de 1980 a 1982 e é considerado um dos maiores influenciadores da chamada geografia crítica, com ampla participação no movimento marxista de renovação da Geografia brasileira nos anos 1980. Possui doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1994). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense e professor convidado do curso de Geografia da Faculdade de Formação de Professores / UERJ.

O capítulo se constrói em quatro partes, discutindo a relação entre os fundamentos filosóficos e os paradigmas da geografia moderna desde o seu nascimento, na metade do século XVIII, na perspectiva do Iluminismo (pela filosofia crítica de Kant) e do Romantismo alemão (pela filosofia clássica de Fichte, Schelling e Hegel). Desde então, a geografia moderna possui três fases: o paradigma holista da baixa modernidade, o fragmentário da modernidade industrial e o holista da hipermodernidade (ou pós-modernidade).

Sobre a baixa modernidade e o holismo iluminista-romântico dos séculos XVIII-XIX, o autor destaca que o ponto inicial da geografia moderna é a obra do geógrafo J. R. Foster, no plano teórico-metodológico e do filósofo Immanuel Kant, no plano epistemológico.

Foster considerava a geografia pelo ponto de vista prático e sua grande contribuição é o método utilizado por ele para os dados arrecadados, em que

observava, colecionava fatos, comparava, depois classificava e procurava explicação para a causa. Com um método rigoroso e sistemático, o autor relata que Foster estabelece como objeto da geografia o estudo da superfície terrestre e como seu método a comparação, do qual deriva a descrição e a explicação como categorias analíticas das paisagens. Ficam, então, estabelecidos o campo, objeto e método, mas é Kant quem desenvolve o discurso de elaboração teórico-conceitual mais sistemático e este estabeleceu as bases das epistemológicas da geografia moderna, em que converte a noção empírica de superfície terrestre na formulação conceitual do espaço geográfico como um saber descritivo.

O autor afirma que a tarefa da sistematização mais acabada da geografia fica a cargo de Ritter e Humboldt. Enquanto Ritter reitera o princípio corológico e aperfeiçoa o método comparativo, estabelecendo o perfil e o rigor que ainda faltava à geografia, em que o objeto do estudo é a superfície terrestre vista a partir das individualidades regionais, Humboldt desenvolve o objeto a partir da globalidade do planeta, vista a partir da interação entre a esfera inorgânica, orgânica e humana. Enquanto Ritter vai do todo à parte, Humboldt vai do recorte ao todo.

Com relação a modernidade industrial e a geografia moderna do século XIX-XX, o autor destaca que a substituição do holismo iluminista-romântico acontece progressivamente, com a fragmentação generalizada, pulverizando a geografia em geografias sistemáticas e a aglutinação das setorizações em campos agregados por seus conteúdos comuns ou semelhantes, que vai do nascimento da geografia física e da geografia humana e, após, da geografia regional.

Ratzel, La Blache e Hattner, além de Reclus, são os pensadores mais emblemáticos desse momento paradigmático da geografia. Ratzel foi tido como o criador da geografia humana, numa análise típica análise da relação do homem com o meio, inventou o termo *Anthropogeographie* e sua obra manteve o interesse nos estudos sistemáticos, enquanto La Blache e Hettner fizeram uma tentativa de retomar o tema regional. Metodólogo, Hettner retoma e inova a corologia de Ritter, clarificando seu caráter e precisando seu método, que teve como interlocutor na França Elisée Reclus.

Já La Blache dá início a fase da geografia que irá difundir-se como tal no século XX, chegando a nós até hoje. Dentre as suas contribuições estão a publicação, em 1903, do *Quadros de geografia da França (Tableau de la Géographie de la France)*, em que estuda a identidade francesa, materializou o conceito de lablacheano da região e a famosa síntese regional. Já no *Princípios de geografia humana*, de 1922, estudou as paisagens das diferentes civilizações, é considerado texto fundador de uma geografia da civilização em *La Blanche de A Fraça do Leste*, de 1917, desenvolve um estudo de geografia política.

Com relação a ultramodernidade e a tendência pluralista atual, o autor relata que foi na década de 1970 que seu surgimento aparece com mais evidência, em que o marxismo representa uma forma de pensamento enraizado na filosofia de Georg Wihelm Hegel e Karl Marx, se propagando em diversos cantos do mundo com outros autores. Com uma dimensão ontológica e epistemológica nessa geografia marxista, tem em Marx a dimensão ontológica relacionada ao tema da hominização do homem pelo próprio homem, mediante o processo do trabalho, definindo o espaço geográfico como geograficidade. Já a fenomenologia em Hegel é interpretada como o movimento da consciência, que é concebida por Husserl como a relação de intencionalidade (“a consciência é a consciência da coisa”), criando a fenomenologia moderna.

O texto nos leva a compreender o processo histórico pelo qual se criou e modificou a geografia sob a perspectiva filosófica, bem como seus paradigmas até a atualidade. Com uma linguagem clara e objetiva, o autor nos apresenta um panorama acerca da baixa modernidade e o holismo iluminista-romântico dos séculos XVIII-XIX. Avança na discussão com a apresentação das novas tendências na modernidade industrial, com a geografia fragmentária e, por fim, com os avanços da ultramodernidade e a tendência pluralista atual.

É uma leitura que exige conhecimentos prévios para ser entendida, além de releituras e pesquisas quanto a conceitos e contextos apresentados, uma vez que as conclusões emergem a partir uma análise profunda dos acontecimentos históricos e sociais que influenciaram as ciências. O texto tem por objetivo trazer um diálogo com estudantes universitários, pesquisadores, cientistas e profissionais da área para que os

mesmos possam refletir, pesquisar, discutir ou se posicionar criticamente sobre o assunto abordado.

Agradecimentos

À FAPEMIG pela concessão de bolsa de pesquisa.

Uilmer Rodrigues Xavier da Cruz - Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (2020), Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Mestre em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (2019), Graduação em Geografia - Ênfase em Sistemas de Informações Geográficas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC -MG) (2008).

Recebido para publicação em 12 de maio de 2020.

Aceito para publicação em 28 de abril 2021.

Publicado em 29 de abril de 2021.